

A DESESTRUTURA FAMILIAR PREJUDICA O PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

SANTOS, Lenilda Pereira dos

*Doutoranda em Ciências da Educação na Universidade Columbia-PY
Instituto de Desenvolvimento Educacional Íbero-Americano
columbiaideia@gmail.com*

RESUMO

O presente artigo tem como tema A DESESTRUTURA FAMILIAR PREJUDICA O PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM, tem como objetivo destacar a partir da revisão da literatura, a importância da intervenção psicopedagógica da escola, no sentido da colaboração no processo de escolarização de alunos com dificuldades de aprendizagem e na interação escola e família. Atualmente a instituição família na maior parte do tempo omite da sua responsabilidade deixando de cumprir também o papel de grandes educadores omitindo informações e a cooperação necessária à aprendizagem do educando. Neste contexto o educador tornou-se um ponto de conflito entre as duas instituições “escola e família” havendo a necessidade de uma intervenção pedagógica estruturada no processo da aprendizagem na sua forma plena no sentido de desvendar novas alternativas possibilitando, assim, condições facilitadoras com vistas a melhores resultados.

Palavras chave: Intervenção pedagógica. Família. Escola. Aprendizagem. Educação.

INTRODUÇÃO

É perceptível e se torna cada vez mais raro encontrar aluno sem dificuldade de aprendizagem no ambiente escolar. Esse fato varia conforme o modo de vida de cada país questões sociais e culturais. Podemos identificar o aluno que possui problemas de aprendizagem por razões de desvantagens culturais, de inadequada aprendizagem, de envolvimento socioeconômico baixo, de inadequado trabalho pedagógico ou de precário diagnóstico médico.

Qualquer indivíduo, de qualquer classe social ou de qualquer nível econômico tem a proporção de ter problemas relacionados à aprendizagem sentindo-se confuso, ameaçado e inseguro pelas exigências das instituições educacionais. Vários problemas e conflitos familiares resultam das dificuldades de aprendizagem. Por isso, não é estranho que o problema das dificuldades de aprendizagem, expresse certa tendência cultural-política de educação de saúde e de bem-estar. A tendência cultural do termo dificuldades de aprendizagem e a tendência comportamental a ele citado, dependem das múltiplas situações dos alunos e, igualmente, dos diferentes níveis das aspirações dos adultos que as envolvem.

Neste caso, só é possível identificar um aluno com dificuldades de aprendizagem, quando não há interferência dos fatores socioeconômicos. As ideias centrais estão nos fatores de disfunção psicológica e neurológica do processamento de informação e não nos fatores socioeconômicos, por consequência de situação de privação e de desajustamento biológico e social.

METODOLOGIA: Esta pesquisa tem como principal fonte uma revisão de literatura atrelada à pesquisa bibliográfica cuja há necessidade de aprofundamento e embasamento teórico seguindo justificado pela relevância do tema, uma vez que muitos se têm discutido a respeito da importância da integração de ambas as instituições como meio do processo de melhoria da aprendizagem e da integração família e escola no sentido da proposição de uma educação de qualidade os jovens cidadãos.

RESULTADOS: É relevante levar em consideração que a desestrutura familiar reflete

no âmbito escolar e quando há uma tomada de consciência sobre os fatos que envolvem a prática sendo cada educador um ser crítico, autônomo de seus próprios atos, rigoroso metodicamente falando, pesquisador, que respeita os saberes prévios do educando, ético e moral, onde suas palavras e ações servem como testemunho, que não dá lugar para sentimentos discriminatórios, reflexivo, que assume a si próprio com seus acertos e seus erros, tem-se a certeza de que tal professor está andando e, pensando e ensinando a pensar certo.

DISCUSSÃO:

DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM E EMOÇÃO

AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES

O educando ao ingressar na instituição escolar, temos que ter ciência que traz atrás consigo uma história de vivência e de oportunidades muito complexa que é preciso estudar e caracterizar. A escola revela as dificuldades de aprendizagem do aluno em vez que a mesma deve buscar adotar uma atitude preventiva e uma prática compensatória. O aluno com dificuldade de aprendizagem quer a causa seja orgânica ou social, revela algo, cuja responsabilidade não lhe pertence, na medida em que o seu crescimento biológico, psicológico e social depende fundamentalmente das atitudes dos adultos sociáveis que a envolvem.

Diante do exposto devemos levar em consideração que todo indivíduo possui experiências e vivências históricas que começaram no âmbito familiar e vão para escola tem em Marcelli (2010, p. 21) que:

Winnicott disse com muita pertinência que uma criança pequena sem sua mãe não existe: ambos, mãe e filho, formam um todo sobre o qual deve incidir a avaliação e o esforço terapêutico. Essa verdade é válida também para a criança maior e para o adolescente. A avaliação do normal e do patológico no funcionamento de uma criança não poderia ignorar o contexto ambiental, parental, fraternal, escolar, residencial, amigável, religioso, etc.

Por isso, muito se tem estudado e escrito sobre interação entre a hereditariedade e o meio. A balança tende a oscilar sobre os enfoques unidimensionais, porém o problema

da etiologia das dificuldades de aprendizagem só pode ser tratado, quando se aprofundam os estudos sociais, com auxílio dos estudos dos fatores de origem e envolvimento da doença. De um estudo interdisciplinar a um estudo interdisciplinar integrado.

SOBRE AS DIFICULDADES ESCOLARES

Atualmente o que descobrimos sobre o termo dificuldades escolares é que estamos passando por um processo de transformação o enfrentamento de novos paradigmas, uma expressão relativamente nova que até agora não era utilizada quando se falava sobre aqueles a quem nós contentávamos chamar de “maus alunos”. Por ora, esta mudança de vocabulário tem a vantagem de dar uma nova direção à investigação psicopedagógica.

Fica claro para Marcelli (2010, p. 427) que:

Sem entrar nessa polêmica geralmente acalorada, constatamos que, nas últimas décadas, o estudo das dificuldades escolares passou de um ponto de vista puramente moral (o fracasso se devia à preguiça da criança e, conseqüentemente, ela era a principal culpada) a um ponto de vista médico-patológico (o fracasso se deve à inadaptação da criança, conceito que subentende em maior ou menor medida uma falha do equipamento neurofisiológico de base: ver o problema da deficiência mental) e, finalmente, a um ponto de vista sociológico (o fracasso se deve à inadaptação das estruturas escolares atuais a uma proporção não desprezível da população). Curiosamente, embora o quadro de referência desses pontos de vista seja evidentemente muito diverso, cada etapa procurou englobar, e depois anular, a etapa antecedente.

Fica evidente que estas dificuldades não são todas de origem emocional ou afetiva. Há com certeza dificuldades que resultam da maior ou menor aptidão escolar. Mas também cabe ao educador que de acordo com Paulo Freire mostra que ensinar não é transmitir somente conhecimentos, mas criar as possibilidades para a produção do saber. Ensinar exige muitos fatores.

Ainda na concepção de Paulo Freire uma das primeiras exigências é a rigorosidade metódica, o Educador norteando-se por este saber deve reforçar a capacidade crítica do educando auxiliando-o a tornar-se criador, investigador, um ser inquieto, rigorosamente

curioso, humilde e persistente; O facilitador deve ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo. Os conhecimentos dos livros são muito importantes, porém ter apenas estes saberes não suficientes para lidar com a realidade do educando, havendo uma variação de acordo com as necessidades e ocorrências do seu país, sua cidade, seu bairro e ainda de sua rua.

Ensinar exige pesquisa, o autor deixa claro neste estudo que, ensino sem pesquisa não é ensino, pesquisa e ensino estão intrinsecamente relacionados, respeitando aos saberes do educando, se tornando um facilitador segundo sugestão do autor deve discutir com os alunos a realidade concreta a que se deve associar a disciplina, estabelecendo uma familiaridade entre os saberes curriculares fundamentais e a experiência social de cada um dos aprendizes. Ensinar exige criticidade, ter uma postura de curiosidade e inquietação indagadora que propicia discernimento.

Ensinar exige ética e estética, pois a prática educativa tem a obrigação de atuar com a moral sendo um testemunho rigoroso de decência e de pureza, o professor não pode estar longe ou fora da ética por ser portador do caráter formador, o ensino dos conteúdos não pode estar alheia à formação moral do educando. Ensinar exige também a corporeificação das palavras pelo exemplo, quem pensa certo tem consciência que palavras nada valem se não forem seguidas do exemplo, no caso referência . Pensar certo é fazer certo. O clima de quem, pensa certo deve ser o de quem busca a generosidade. Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação, não sendo um ser ofendido porque para o mesmo é restrito o direito a democracia, quando acontece qualquer uma das práticas discriminatórias.

O repúdio de Paulo Freire, por tais ações se faz notável e deve ser a todo custo seguido, o pensar certo exige humildade, uma reflexão crítica, sobre a prática educativa. Como cita o autor, a esta prática docente crítica, implicante do pensar certo envolve movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. O educando desenvolve o pensar certo em comunhão com o educador, tudo concorrendo para melhorias reais acerca da prática-ensino-aprendizagem.

Quando há uma tomada de consciência sobre os fatos que envolvem a prática sendo cada educador um ser crítico, autônomo de seus próprios atos, rigoroso metodicamente falando, pesquisador, que respeita os saberes prévios do educando, ético e moral, onde

suas palavras e ações servem como testemunho, que não dá lugar para sentimentos discriminatórios, reflexivo, que assume a si próprio com seus acertos e seus erros, tem-se a certeza de que tal professor está andando e, pensando e ensinando a pensar certo.

AS IDEIAS SOBRE A EMOÇÃO

A escola além de um ambiente de aprendizado formal é também a primeira colocação social fora do núcleo familiar.

A instituição escolar passar a ser para o educando um ambiente favorável para a avaliação emocional, um espaço social parcialmente fechado, mediado entre a família e a sociedade. É na escola onde o comportamento dos alunos pode ser avaliado e onde eles podem ser comparados estatisticamente com seus pares, com seu grupo etário e social.

O comportamento e a ação desses alunos neste contexto escolar favorecem várias experiências emocionais, o que esclarece para Leibig (2009, p. 63) que:

A emoção está no início do processo de decisão e é determinante na percepção e na atenção. Alguns estudos recentes sobre o funcionamento do cérebro mostram que, muitas vezes, são as emoções sentidas em experiências passadas que levam à tomada de decisão e não o raciocínio sobre a situação presente. Segundo esses estudos, a consciência da ação sucede a experimentação da emoção.

O educador deve buscar ter um olhar de sensibilidade cujo conseguirá se manter informado dispondo de maior oportunidade para detectar problemas cruciais na vida e no desenvolvimento das crianças.

Dentro da sala de aula há situações psíquicas significativas, nas quais os professores podem atuar tanto beneficentemente quanto, consciente ou inconscientemente, agravando condições emocionais problemáticas dos alunos. Eles podem trazer consigo uma série de **situações emocionais internas e externas**, ou seja, podem trazer para escola alguns problemas de sua própria constituição emocional (ou personalidade) e, externamente, podem apresentar as consequências emocionais de suas vivências sociais e familiares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das abordagens dispostas neste artigo, devemos considerar o aluno, como indivíduo que também apresenta problemas peculiares a sua faixa etária, assim como o adulto.

Percebemos também que as variáveis sociais, culturais e ambientais, particularmente aquelas que dizem respeito ao funcionamento familiar, ou seja, a família que acompanha o processo de aprendizagem do filho poderá auxiliá-lo no momento que surgem dificuldades escolares. Logo, se a família acompanhar o rendimento dos filhos, estes dificilmente enfrentarão situações de defasagem no aprendizado quer dizer que também podem influenciar muito a resposta dos alunos aos stress escolares e, conseqüentemente, ao surgimento de algum problema emocional. Há uma espécie de efeito de proteção exercido pelos bons relacionamentos familiares que se estende até a adolescência. E que em geral os alunos desenvolvem-se bem e tornam-se adultos não vulneráveis a esse tipo de problema.

Atentamos também, para chamar a atenção para prática docente e do olhar desse professor perante cada aluno seu. Consideramos que sua atuação deve tanger à percepção no ambiente escolar muito importante para o diagnóstico precoce e tratamento de sucesso desse aluno.

É primordial que seja desenvolvido um trabalho de informação e conscientização para o professor e para os pais sobre esse problema emocional que o aluno possa a ter.

Atentamos ainda para o trabalho da equipe gestora da escola, percebemos na pesquisa que é necessário o trabalho em equipe e diálogo. Em nenhum momento o aluno poderá ser deixado em segundo plano.

Desse modo, faz-se necessário que tanto o professor, como todo o contexto escolar, estejam preparados para tal atividade. Consideramos que a formação desenvolve essa prática preventiva na sala de aula e na escola e cabe ao professor mediar esta prática de forma verdadeira e significativa.

Nesse sentido, argumentamos que “o professor que está capacitado para perceber as possíveis mudanças no seu aluno é um professor consciente e sensível diante das dificuldades da alma humana”. Ele ajuda no sucesso ou fracasso escolar do aluno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUBRY, Jenny. **Psicanálise de crianças separadas: estudos clínicos**. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 2004.

BOWLBY, John. **Apego e Perda – Separação, Angústia e raiva**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Vol. 2.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Contém as emendas constitucionais posteriores. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. ECA - **Estatuto da Criança e do Adolescente**.

_____. **Apego e Perda – Tristeza e Depressão**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Vol. 3.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários á prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 1996.

FROEBEL, Friedrich Wilhelm. In: PALMER, A. Joy. **50 Grandes Educadores: de Confúcio a Dewey**. São Paulo: Contexto, 2008.

GAZZANIGA, Michael S.. IVRY, Richard. MANGUN, George R.. **Neurociência Cognitiva: a biologia da mente**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LDB. Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

LEIBIG, Susan (org.). **Dificuldades de Aprendizagem têm solução**. São Paulo: All Print Editora, 2009.

MARCELLI, Daniel. COHEN, David. **Infância e Psicopatologia**. 8ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.